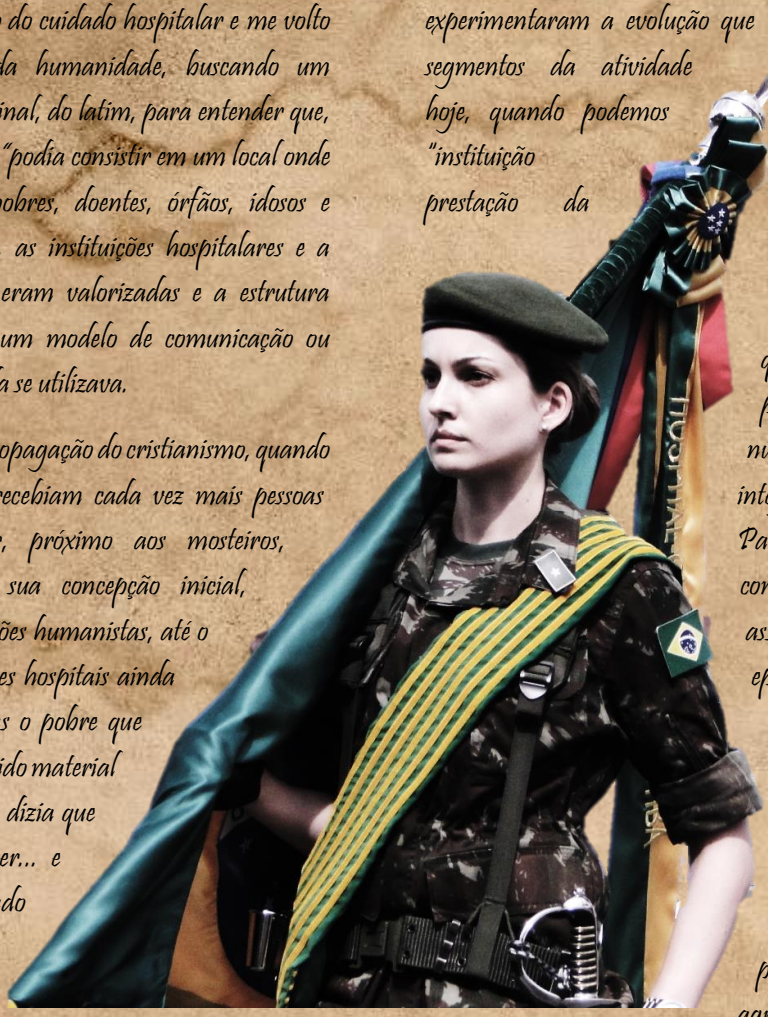
129º Aniversário do Hospital Geral de Curitiba

Hoje, comemorando mais um aniversário do nosso Hospital, convido a todos para refletirmos um pouco sobre a sua trajetória, não só como hospital militar erguido ao final do século XIX, mas como uma estrutura centenária dedicada ao cuidado da vida de seres humanos.

E sendo assim, retomo alguns registros lidos há pouco, para sincronizar historicamente o contexto do cuidado hospitalar e me volto para períodos ainda anteriores da humanidade, buscando um significado em seu conceito mais original, do latim, para entender que, no início, uma "casa de hospedagem" podia consistir em um local onde se exercia a caridade a pessoas pobres, doentes, órfãos, idosos e peregrinos. Nesse contexto e época, as instituições hospitalares e a própria assistência à saúde pouco eram valorizadas e a estrutura construída não se aproximava de um modelo de comunicação ou organização que satisfizesse quem dela se utilizava.

Mesmo após o advento e propagação do cristianismo, quando as igrejas se tornaram locais que recebiam cada vez mais pessoas doentes e passaram a construir, próximo aos mosteiros, estabelecimentos hospitalares, na sua concepção inicial, demonstrando desde lá suas orientações humanistas, até o século XVIII o principal ator nesses hospitais ainda não era o doente a ser curado, mas o pobre que estava morrendo e precisava ser assistido material e espiritualmente. Naquela época, se dizia que se entrava no hospital para morrer... e quem lá trabalhava não estava voltado pra cura do doente, mas para conseguir a salvação dele.



Dessa forma e até aí o Hospital se destinava a internar doentes, loucos e devassos. Logo depois, passou a se mostrar uma instituição mista: de exclusão e de assistência. Nesse formato o médico pouco aparecia, não havia ainda uma justificativa científica para a prática médica. Aquela estrutura era uma difusora de doença no seu interior e sequer evitava que ela se propagasse no ambiente exterior.

Já no fim do século XVIII, a ideia de hospitalizar a domicílio, com suas vantagens econômicas e desvantagens epidêmicas, os cuidados médicos menos custosos e os famosos dispensários de medicamentos desencadearam programas que acabaram por reformar essas estruturas, com forte tendência para a desospitalização que, no entanto, não vigorou. O hospital, então, é reconstruído para se tornar um lugar de operação terapêutica e não mais um local de assistência.

De meados do século XIX ao início do século XX, os hospitais receberam contribuições e influências de profissionais de outras áreas e experimentaram a evolução que já era presente em outros segmentos da atividade humana e que perduram até hoje, quando podemos conceituá-los como uma "instituição social", o principal local de prestação da atenção médica à sociedade moderna.

É nesse espaço de tempo que o HGeC surge, inicialmente para atender ao então crescente número de militares que passavam a integrar o Corpo de Guarnição do Paraná e se consolida no seio da comunidade curitibana, ao prestar assistência às vítimas dos conflitos e epidemias da época.

Hoje a estrutura hospitalar é parte integrante de um sistema coordenado de saúde, que deve entregar à comunidade uma completa assistência preventiva e curativa, podendo agregar um centro de pesquisas biossociais e de formação de profissionais de saúde.

A estrutura de um hospital nos dias de hoje deve ser capaz de incorporar simultaneamente os avanços de conhecimento, instalações e equipamentos que correspondam à tecnologia médica necessária. Ao longo do tempo, ele passou a ser visto de forma mais abrangente, um local em que seu conceito diz respeito à qualidade de acolher bem e com satisfação. Está idealizado pra cumprir as funções de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças e alguns já se utilizam dos cuidados

progressivos, em que os pacientes são conduzidos de acordo com a gravidade e complexidade.

Mas, como retomar a proposta inicial desse discurso sobre a trajetória do HGeC, dedicado ao cuidado da vida de seres humanos, sem tentar compreender o significado da vida no processo do cuidado ?! Isso não inclui apenas atribuições técnicas do profissional, mas sua capacidade de perceber e compreender o ser humano e como ele está no seu mundo, como desenvolve sua identidade e sua própria história. No ambiente hospitalar isso proporciona uma inquietação. O significado da vida passa por valores e princípios que nos guiam, por carências individuais e pelas nossas potencialidades. Reconhecer e valorizar o significado da vida vai além do foco de ser olhado somente pela possibilidade de sobreviver.

Sem dúvida, meus comandados, os grandes benefícios da tecnologia na área de saúde são indispensáveis. Facilitam nossa atuação e, principalmente, beneficiam o paciente que, a cada dia, os tem mais a seu alcance. Contudo, esses avanços ampliam largamente a assimetria do poder e o conhecimento, tornam as relações totalmente desiguais. Precisamos discutir o que isso representa realmente para a vida do ser humano e para as nossas relações.

Entendo que é fundamental colocar a vida do ser humano como o bem maior, o valor inviolável que precisa ser respeitado em todas as situações. Enxergo que cabe a nós, profissionais de saúde e a todos os que trabalham em prol da saúde, olhar além das instituições, ampliar a nossa noção do cuidado restrito a quatro paredes, olhar pra janela da vida e entender todas as nuances do processo saúde-doença.

O cuidado que nós prestamos resulta da dimensão e importância que a existência humana tem para cada profissional. É necessário admitir que a dor e o sofrimento precisam ser amenizados prontamente, com atitudes concretas, responsáveis, éticas e sensíveis. Havendo essa compreensão teremos a capacidade de corresponder aos pedidos diários de nossa vida de cuidador.

É óbvio que isso nos impõe, muitas vezes, renunciar a nossos interesses individuais pra percebermos melhor o coletivo. Nossos limites precisam ser superados, ao mesmo tempo que percebemos que não somos onipotentes e infaliveis. É preciso a cada dia, a cada experiência, construir nossa própria identidade, sobre a égide da nossa missão de cuidar, que só se completa na satisfação do desempenho profissional e na busca incessante do resgate à dignidade e ao valor da vida.

Devemos assumir nossas responsabilidades, não nos omitir, buscar respostas e escolher caminhos que conduzam a ações responsáveis e éticas. Nosso maior desafio é cuidar do ser humano integralmente, conferindo importância à sua dor e seu sofrimento físico, psíquico, social e espiritual de forma competente, mas, sobretudo, humana.

Corremos o risco de trabalhar em ambientes quase perfeitos quanto à técnica, mas, muitas vezes, desacompanhados de afeto, atenção e solidariedade. Aqui no nosso hospital, é urgente que encontremos novas estratégias para enfrentar a massificação do atendimento. Todas as iniciativas que já tomamos podem não estar sendo suficientes. Todos reconhecemos a necessidade de buscar a humanização do cuidado e até avaliamos os resultados das ações através de pesquisas e dados estatísticos. Mas será que realmente é necessário avaliar a humanização no ambiente hospitalar, se já temos tantos indicadores da qualidade dos serviços? Conseguiremos avaliar a afetividade, a presença solidária do profissional ao lado do paciente ?

Pra encerrar, meus caros comandados, nesse dia que registramos mais um ano de cuidados na história do nosso hospital, reafirmo que a humanização precisa ser sentida e percebida. A qualificação do nosso profissional passa também pelo cultivo de valores éticos e da demonstração de solidariedade, construída na convivência com as pessoas envolvidas no processo do cuidado.

Felicitando com orgulho nosso Hospital Geral de Curitiba, relembro minhas próprias palavras há dois anos, quando propus nossa primeira reflexão sobre o "tempo" e o "momento oportuno". Naquela ocasião concluiria eu que *"não há tempo a perder diante de uma pessoa doente"*. No ano passado, nessa mesma data, lançava uma outra reflexão: *"de que adiantaria toda a modernidade, os avanços e os benefícios se não nos compreendêssemos como portadores do sentimento de pertencimento e não víssemos nossos doentes como foco dos resultados da coletividade ?"* Muitos dos senhores e senhoras aqui estavam nessa mesma condição de agora. Deixo, então, hoje uma nova reflexão pra levarem com vocês, retomando a origem dos nossos hospitais, no pensamento de um cristão que viveu na África entre os séculos IV e V: *"Quem tem caridade no coração tem sempre qualquer coisa pra dar"*.

Que consigamos compreender e viver segundo a palavra de Deus, na tradução de um outro cristão, ainda mais antigo, nascido na Turquia, ao concluir sua segunda viagem missionária: *"Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade."*

Curitiba-PR, 05 de Abril de 2019

Albino José da Cruz Rendeiro – Cel Med QEMA
Diretor do Hospital de Geral de Curitiba

Comunicação Social